

## LOLE, Ana; GOMES, Victor L. C.; DEL ROIO, Marcos. (Org.). **Gramsci e a Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Mórula, 2017.

Teresa Rocha de Marins<sup>1</sup>

O ano em que relembramos os 80 anos do último suspiro do italiano Antonio Gramsci, também o ano que reverenciamos os 100 anos da Revolução Russa, não poderia passar em branco, pelo contrário, tonalizá-lo de vermelho foi uma tarefa que coube à brilhante iniciativa de Ana Lole, Victor Leandro Chaves Gomes e Marcos Del Roio de organizar a coletânea *Gramsci e a Revolução Russa*, com a participação de autores brasileiros e italianos (Domenico Losurdo, Anita Helena Schlesener, Michelle Fernandes de Lima, Edmundo Fernandes Dias, Daniela Mussi, Eduardo Granja Coutinho, Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos, Gianni Fresu, Giovanni Semeraro, Lincoln Secco, Leandro Galastri e Giuseppe Vacca), que em 13 profícuos artigos apresentam a estreita relação entre a Revolução Russa e o desenvolvimento intelectual do comunista sardo.

Como proferido pelo próprio Marcos Del Roio no lançamento do livro no Colóquio Internacional Antonio Gramsci, em agosto de 2017 na Unicamp (Campinas/SP), não poderia haver título mais óbvio para o livro. Nós diríamos que, além de óbvio, *Gramsci e a Revolução Russa* é original e acertado. Porque além de Lenin, Gramsci é a outra fonte imprescindível desse grande momento histórico da humanidade, o momento do socialismo real.

Trata-se de uma coletânea que recebeu devido cuidado na sua edição, com um substancial prefácio de Fábio Frosini, que apresenta Gramsci revestido com a forma da “pedagogia revolucionária”, que defendeu com tanta vitalidade em seus escritos como meio de penetração nas grandes massas.

O livro é investido de um espírito revolucionário que atualiza a Revolução de Outubro para os tempos atuais. Além de resgatar a força da classe trabalhadora, esses textos pretendem

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Desenvolvimento Regional da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (PPGSSDR/ESS/UFF); pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia, Política e Educação (NuFiPE/UFF). Endereço eletrônico: as.rmarins@gmail.com.

chamar atenção para a força vulcânica das massas quando entram em ação. É um livro que diz: “‘Este é o fenômeno mais grandioso que a obra humana jamais produziu’, a liberdade espiritual, a ‘instauração de uma nova consciência moral [...] o advento de uma nova ordem’” (p. 50).

Apesar de Del Roio mencionar a obviedade do título, a obra é inovadora e à luz do debate teórico sob perspectiva gramsciana as análises nela contidas permitem o alcance de novas interpretações. Resgatamos aqui alguns debates teóricos que identificamos como pontos-chave nessa relação de Gramsci com a Revolução Russa.

Para trazer à tona a ideia de “coletivismo da miséria, do sofrimento” que Gramsci faz sobre a Rússia Soviética, o livro resgata escritos gramscianos desde os tempos pré-carcerários, nos quais o jovem sardo tinha mais acesso ao que acontecia na Revolução Russa, até seus Cadernos do Cárcere, cuja produção dependia de material e do pouco acesso à informações que lhe eram confiadas, principalmente, por meio de sua cunhada Tatiana Schucht. Gramsci assim batizou a experiência russa de “coletivismo da miséria, do sofrimento” por entender a precariedade em que viviam os soviets, que fizeram a revolução socialista num país cujas forças produtivas não eram desenvolvidas como nas potências capitalistas e que, além das dizimações provocadas pela guerra, não conseguiam suprimir suas necessidades básicas de sobrevivência, ou seja, compartilhavam entre si miséria e sofrimento. Ao afirmar que “será no início do coletivismo da miséria, do sofrimento. Mas, as mesmas condições de miséria e de sofrimento seriam herdadas de um regime burguês” (p. 22). O intelectual sardo sinaliza que se ainda estivessem no capitalismo, os trabalhadores russos iriam passar por penúrias ainda maiores, mas estando naquela situação coletiva, de superação do sofrimento de forma conjunta e solidária, “o sofrimento que conduzirá à paz só poderá ser suportado enquanto os proletários sentirem que nele está sua vontade, seu esforço em trabalhar para suprimi-los no menor tempo possível.” (p. 22). Ou seja, é clara a condição miserável da Rússia, mas também é condição *sine qua non* para que ela seja superada no menor tempo possível, pois o objetivo revolucionário passa longe dessa situação carente, vislumbrando horizonte de fartura e prosperidade para a coletividade.

O livro também percorre os caminhos do jornalista sardo nos jornais italianos. Assim, *Gramsci e a Revolução Russa* também mostra a contribuição da Revolução para a fermentação dos ideais socialistas na Itália com a fundação do novo canal de crítica dos socialistas italianos, o *L'Ordine Nuovo*, sendo este uma grande conquista da propagação das “radicais lutas operárias” na Itália.

Alguns artigos vão se preocupar com a contextualização histórica da Revolução Russa e com o resgate da leitura gramsciana da Revolução, bem como a sua tarefa de fortalecimento do movimento operário italiano. Para fazer esse apanhado histórico, nada melhor que a leitura do grande mestre Edmundo Dias (*in memoriam*), que traduz a Revolução Russa vista por Gramsci.

No que se refere à contextualização, alguns artigos abrem o cenário da Revolução de Outubro de forma didática, clara e revigorada. Ademais do contexto histórico, as considerações de Gramsci sobre a Revolução salientam o fato de como esse momento histórico foi importante e determinante para a produção intelectual eloquente e crítica do comunista sardo. Traça como Gramsci foi construindo e modificando seu pensamento a partir da experiência russa.

O livro faz uma ponte da trajetória do pensamento do “jovem” Gramsci para o Gramsci “maduro”, que se apropria do materialismo histórico dado por Marx. Essa trajetória tem por base a Revolução Russa, divisor de águas na luta da classe trabalhadora no mundo, como também para o pensamento do jovem sardo. “[...] Gramsci começa a assimilar o método de Marx e, superando aquela concepção subjetivista da revolução, passa a compreendê-la como algo condicionado por processos históricos objetivos” (p. 128). No entanto, não precisamos nos abster de todo pensamento de Gramsci anterior a sua agregação do materialismo histórico, que por sua vez possui um tanto de paixão e de vontade indispensáveis para o fortalecimento do espírito revolucionário.

Traçado um panorama da política italiana no período da Revolução Russa, o livro apresenta Gramsci como um intelectual que “[...] tratou desde o início a Revolução Russa como um acontecimento italiano” (p. 106). De certo que a experiência russa serviu de inspiração aos socialistas italianos, mas não só aos italianos, mas aos do mundo inteiro, que têm na Revolução de Outubro o marco histórico da força da organização política dos trabalhadores. Portanto, Gramsci, que é um autor universal, tratou, a nosso ver, a Revolução Russa como acontecimento mundial. “Tornou-se a forma pela qual Gramsci tomou a iniciativa da crítica direta à direção oficial de seu partido (o PSI), bem como dos intelectuais neoidealistas dos quais havia herdado boa parte de sua formação” (p. 106). Aspectos da tradução da Revolução Russa no contexto italiano são ressignificados em várias partes do livro, tanto na abordagem sobre a obra pré-carcerária quanto na carcerária, esta, inclusive, destacada como a tradução da Revolução de Outubro.

A perspectiva de análise comparativa do movimento revolucionário francês e o russo é um ponto trabalhado por Gramsci – em que vários autores da coletânea vão se debruçar –, no

qual as diferenças entre esses movimentos são fundantes para o entendimento do processo revolucionário russo, como também para pensar a construção da hegemonia como campo estratégico de luta. Em determinados momentos, tem-se a iniciativa de explicar a Revolução Russa em contraponto com a Revolução Francesa. “A Revolução Russa substituiu o autoritarismo pela liberdade, substituiu a constituição pela voz livre da consciência universal” (p. 49). A burguesia “revolucionária” na França do século XVIII não tinha um programa universal, porque defendia particularismos de sua classe. Diferente dos revolucionários russos, que agitavam a bandeira da “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” para todos, como mostra a foto que ilustra a última página do livro.

O movimento russo unificava suas lutas em torno de uma nova concepção de mundo, porque perseguiam um ideal que não era interesse de poucos, mas que objetivava acabar com a divisão de classe. “[...] sobre todos aqueles fenômenos que não apenas atestam um nexos inédito entre a criatividade e racionalização industrializada, mas também oferecem um entrelaçamento entre espontaneidade e programação que era impensável nas condições do Estado liberal [...]” (p. 14). Condições impensadas por um movimento de mentalidade mesquinha e particularista. Por isso, para que a revolução fosse caracterizada como proletária, Gramsci sinalizava a necessidade de concretizar um novo senso comum de massas, uma nova concepção de mundo, cujos interesses ultrapassassem o imediatismo e o egoísmo de classe.

Os organizadores apresentam a obra como um momento de extrair da Revolução Russa a retomada da luta anticapitalista a partir das formulações teóricas e práticas da Revolução, além de um estudo importante sobre os fatos que perpassam as décadas de 1917 e 1937. Temos na obra escritos que se entrecruzam, como também conceituações gramscianas que se repetem. Debates similares, que são tratados de formas inovadoras ao longo dos artigos e temas pertinentes à Revolução Russa, como americanismo, populismo, hegemonia, os subalternos, a questão meridional, o partido político, arditismo, guerra de posição, revolução passiva entre outros.

É notório nos artigos que a Revolução Russa incitou outras experiências revolucionárias no mundo capitalista. Gramsci tinha a clareza analítica de que a revolução devia ser permanente. Entendendo a distância em que estava o objetivo a se alcançar, que “está mais além, está ainda mais distante”.

Os bolcheviques souberam articular vontade e realidade, souberam colocar em prática a filosofia da práxis. Lenin e os bolcheviques são lembrados na obra, nas palavras de Gramsci, como “[...] revolucionários, não evolucionistas. E o pensamento revolucionário nega

o tempo como fator de progresso” (p. 51). Assim, o livro segue na perspectiva gramsciana de entendimento de que a revolução é um processo contínuo.

E a revolução continua. Toda vida se torna verdadeiramente revolucionária. A revolução, como a vida, é ‘uma atividade sempre atual, é uma troca contínua, uma contínua escavação no bloco amorfo do povo. [...] Assim, os homens são finalmente os artífices do seu destino, todos os homens’, não apenas uma minoria. ‘O incêndio revolucionário se propaga, queima novos corações e cérebros, os faz tochas ardentes de nova luz, de novas chamas, devoradoras da preguiça e do cansaço. Está ainda distante um tempo no qual será possível um relativo repouso. A vida é sempre revolução. (p. 51).

Para Gramsci é possível viver todo dia uma revolução. Não só a revolução socialista é possível, mas a revolução das consciências individuais, que nos tornam sujeitos coletivos. A formação socialista é em si um movimento que parte do individual para o coletivo.

Ler *Gramsci e a Revolução Russa* é sentir ser consumido pela chama revolucionária. Cada citação de Gramsci que o texto oferece é um suspiro de clamor pela revolução hoje. É um alento e uma provocação ao instinto revolucionário que existe em cada leitor. Por isso, classificamos a obra como uma peça de combate necessária ao avante classista da classe trabalhadora, tão necessitada de aspirações concretas e audaciosas no embasamento de suas lutas.

Apesar de recente, *Gramsci e a Revolução Russa* se apresenta como um clássico para os estudos gramscianos acerca da Revolução de Outubro, tem-se a oportunidade de perceber o quanto as preocupações de Gramsci em escrever algo “für ewig” (“para sempre”), apontaram para a leitura de outras conjunturas e outros momentos históricos. Essa obra, elaborada no ano do seu centenário, ressalta a necessidade de rememorarmos a Revolução Russa “para que o sonho possa ser retomado e a revolução reinventada”. E Gramsci lembra que “a história da Revolução Russa não terminou e não terminará com o aniversário do seu iniciar-se” (p. 56).

Unimo-nos às palavras do intelectual sardo para frisar – em sintonia com os autores do livro – que essa história tão pouco findará com seu centenário, sendo a Revolução de Outubro combustível para os ideais marxistas do mundo inteiro. De fato, ler esses escritos traz força, crítica, audácia e resistência revolucionárias necessárias para ler, interpretar e enfrentar a barbárie que já está posta.

---

*Recebido em fevereiro de 2018*

*Aprovado em junho de 2018*